

DE REPENTE, ACORDEI

RODOLFO MONTOSA

DE REPENTE, ACORDEI

UMA HISTÓRIA DE CONSOLO, ESPERANÇA E FÉ

Copyright © 2016 por Rodolfo Montosa
Publicado por Editora Mundo Cristão

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Biblica Inc., salvo indicação específica. Eventuais destaques nos textos bíblicos e citações em geral referem-se a grifos do autor.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M796d

Montosa, Rodolfo

De repente, acordei : uma história de consolo, esperança e fé /

Rodolfo Montosa. — 1. ed. — São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

128 p. ; 21 cm.

1. Espiritualidade. 2. Vida cristã. I. Título.

16-33008

CDD: 248.4
CDU: 27-584

Categoria: Ficção

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

1ª edição: julho de 2016

1ª reimpressão: 2016

Aos que estão na desafiadora luta pela sobrevivência e aos enlutados, para que usufruam do consolo do Eterno ao pensar sobre os céus.

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	9
<i>Apresentação</i>	11
<i>Prefácio</i>	13
Acordei	15
Primeiro contato	19
Algumas perguntas	23
Foi por amor	27
E o fulano?	33
Pensando no outro	37
Olhando para o espelho	41
Farto banquete	45
Generosidade abundante	49
Marcas e dores	53
Mais gente nova	59
O inimigo do consolo	65
O consolo	71
Livro aberto	75
Cuidado na vida	79
Devoto ou seguidor?	83

Amigo de verdade	87
Deixou tudo	91
Aritmética de Jesus	95
Descansando na mansidão	97
Descansando na humildade	101
Exótica e extravagante	105
Anjos	109
Ouvindo histórias	113
Nada temerei	117
Procura-se a noiva	121
Arco-íris	125
<i>Sobre o autor</i>	127

Agradecimentos

Aos meus avós, Francisco, Candelária, Benedito e Umbelina; ao meu sogro, Waltermينو; ao meu irmão, Rodney, e a tantos outros queridos que já morreram no Senhor e me ensinaram a amar a vida e a não temer a morte. Eles me ensinaram a não dizer “adeus”, mas “até breve”.

À minha amada esposa, Cibele, companheira de todas as horas há mais de três décadas, que tem sustentado e nutrido meu coração com carinho e amizade, especialmente pela experiência que tivemos juntos em determinado momento em que escrevia essas páginas, quando fomos invadidos por um choro de expectativa pelo profundo desejo de estar com o Senhor no paraíso.

Ao Pai, que já preparou lugar nos céus; ao Filho, Jesus Cristo, que realizou toda a obra para me levar para lá; e ao Espírito Santo, que habita em meu coração e me faz enxergar a vida na esperança da eternidade.

Apresentação

De repente, acordei é uma obra de ficção, que toma como ponto de partida a Bíblia para dar asas à imaginação. É, portanto, um livro imaginativo. Seu conteúdo não deve ser considerado a verdade absoluta dos fatos, nem tem essa pretensão, mas, sim, é fruto da expectativa de um autor que anseia pelas maravilhas da eternidade e que procura oferecer palavras de consolo e paz para os leitores. Toda a narrativa usa de liberdade poética para supor como seria a realidade celestial, com base em relatos bíblicos. É sempre delicado especular acerca de aspectos da fé cristã que não estão claramente expostos na Bíblia; por isso, é com temor, tremor e responsabilidade que Rodolfo Montosa criou a parábola que é o texto desta obra. E é como uma parábola que você deve ler as páginas a seguir.

Em momento algum o autor deseja imaginar como é a realidade do céu fora do que dizem as Escrituras. Este livro não traz uma “nova revelação”, muito menos espera que os leitores creiam que o céu é exatamente como apresentado aqui. A proposta de *De repente, acordei* é partir da mensagem principal da Bíblia para sonhar com as maravilhas da glória eterna. Permita-se sonhar — e que seus sonhos tenham sempre e de forma inegociável apenas e tão somente

a Bíblia sagrada como a revelação perfeita de como será a eternidade ao lado do Senhor. Desta obra, o mais importante é a mensagem que ela passa: que a eternidade não é algo a ser temido, mas uma maravilhosa e consoladora realidade a ser vivida por todos os que chegam, cansados, mas vitoriosos, ao fim da jornada.

O EDITOR

Prefácio

A prática pastoral traz consigo uma riqueza indizível de experiências. No mesmo dia em que se contagia com a alegria de um pai com seu filho recém-nascido nos braços, pode-se vivenciar o luto de uma mãe que presenciou a filha morrer no leito do hospital. Observa-se olhos acesos pela chama da vida, quando, logo mais, vê-se olhos perdidos e apagados pela desilusão e desesperança. Ora estende-se as mãos para cima, a fim de aplaudir a vitória tão esperada, ora as abaixamos para levantar o abatido. Gente para cima, gente para baixo. Gente de todo tipo, em diversos estados de alma.

É óbvio que este livro é uma ficção. Quero deixar bem claro que não se trata de uma revelação espiritual, não fui arrebatado ao terceiro céu nem estive nos lugares que passarei a descrever. Trata-se de uma ficção espiritual, embora eu tenha buscado inspiração nas páginas da Bíblia. Como toda ficção, permiti-me a criatividade. Peço que não a interprete como especulação, pois procurei não ferir a boa doutrina cristã-apostólica, nem que seja tão rigoroso quanto às questões que nem os melhores estudiosos da teologia chegaram a um consenso. Você encontrará algumas imprecisões cronológicas, que se justificam pelo propósito de se aproveitar

do texto bíblico algumas descrições dos céus, mesmo que em um futuro após a segunda vinda de Cristo. De qualquer forma, ao descrever as cenas que retratam o céu, por instantes compreendi um pouco mais a esperança do que está muito além do que vemos hoje, conforme afirmação do apóstolo: “... para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1.21).

O AUTOR

De repente, acordei. Ainda sem abrir os olhos, percebi que não tinha mais dores no corpo. Aliás, senti um tremendo bem-estar. Respirei fundo. Aromas e odores agradáveis. Não soube reconhecer, mas era um cheiro misto de flores, especiarias e perfumes exóticos. A intensidade era tal que parecia inspirar por todos os poros da pele. Estranhamente gostoso. Sons diversos entravam com suavidade em meus ouvidos; alguns graves, em percussão, alinhavam-se ao compasso do batimento do coração. Outros, médios, harmonizavam uma dança no tímpano. Poucos agudos penetravam uma nova melodia na alma. Timbres que se misturavam, como um coral formado por folhas das árvores, mamíferos, aves, ventos, sons de águas. Em meio ao conjunto, consegui discernir a individualidade. Cada qual a seu tempo, como se estivessem sendo regidos por um maestro. Completo, denso, suave. Eu não sabia se tinha passado uma fração de segundos ou uma vida inteira. Estranho. Parece que o relógio do tempo havia sido desligado.

Devagar, abri meus olhos. A luz era muito intensa, mas não incomodava, nem ardia ou ofuscava. Pensei onde estariam meus óculos. Levei minhas mãos ao rosto, mas não

estavam lá. Focalizei a textura daquela relva onde estava deitado. Parece que minha visão tinha ganhado a precisão de um microscópio. Enxerguei os detalhes da textura da superfície que formavam desenhos milimetricamente proporcionais. As cores estavam em alta resolução, absolutamente harmonizadas em relação à gradação e à diversidade. De imediato, consegui reajustar o ângulo e enfoquei a planta como um todo. Consegui fazer isso diversas vezes e com velocidade, ora concentrando no micro, ora no macro. Meus olhos eram como um portal que recebia toda a alegria revigorante daquelas formas, texturas e cores. Nunca imaginei que teria a capacidade de controlar de forma tão precisa a minha visão. Ao olhar um pouco mais adiante, notei um imenso jardim que despontava no horizonte. Ele era imenso, de se perder de vista, ou não. Curiosamente, eu conseguia aproximar e trazer a imagem mais distante do meu cérebro, como se estivesse usando uma luneta poderosa. Estou lá, mais uma vez, brincando de ir e vir com meu foco, sem problemas para enxergar longe ou perto. Mas isso tudo sem óculos nem binóculos?

Comecei a me levantar. Fui dominado por uma sensação de completo bem-estar durante o movimento; tudo estranhamente gostoso. “Se quiser dar pirueta, cambalhota ou plantar bananeira, é só começar”, penso. Sem saber de nada, eu sabia de tudo o que poderia fazer. Parecia até ser possível saltar uma montanha de tanta energia que sentia dentro de mim. Senti o controle absoluto sobre meus músculos, articulações e juntas. Aliás, meus músculos estavam tonificados, rígidos, fortes. Mais ainda, parecia que até podia voar. Muito engraçado aquilo tudo. Meus pensamentos aceleraram: “Será que consigo respirar embaixo d’água? Será que pulo de cabeça do topo daquela cachoeira e mergulho nela?”. Perguntas que jamais achei que faria invadiram minha mente. Novas possibilidades. Novas potencialidades. Tudo novo se fez. Isso mesmo, tudo novo.

Em pé, resolvi encostar minhas mãos no chão. Sem dobrar as pernas, coloquei a planta das mãos embaixo da

planta dos pés. Antes elas chegavam pouco abaixo do joelho. Senti-me elástico, flexível; podia rodar, girar e dançar. Aliás, que vontade de dançar! E que música alegre! Sem limites, medos ou preocupações, fui tomado por um impulso que me fez pular, saltar, expressar júbilo e alegria como nunca imaginei. Difícil acreditar que era eu ali. Tudo em volta alegrava-se em perfeita coreografia. Eu estava em cena, sabendo o que fazer, no momento exato. Parecia tudo ensaiado e precisamente sincronizado; sem falhas ou hiatos, tudo virava música. Tudo o que havia em mim bendizia o dom e o doador da vida.

Meus olhos nunca tinham visto beleza como aquela que me envolvia, meus ouvidos jamais tinham percebido os sons refinados que me cercavam, assim como eu jamais tinha imaginado aquilo que estava vivendo. De qualquer forma, parecia que tudo havia sido preparado para mim.

Não via ninguém, mas tinha a nítida impressão de que todos me viam. Não tinha qualquer sentimento de vergonha, pois não havia nada a esconder, omitir, nem a quem enganar. Era outra dimensão: tudo fazia sentido, o caos acabara e a desordem não existia mais. Estava em pé! “Mas... eu não estava no leito da UTI agora mesmo?” Sem resposta para essa pergunta, o que importava, então, é que, de repente, acordei.



Primeiro contato

Eu estava muito absorvido por tudo ao redor quando, subitamente, ouvi uma doce e firme voz me chamar. Chamou-me pelo nome com intimidade, como alguém que me conhece muito bem. Era uma voz amorosa, mas cheia de autoridade. Embora estivesse ouvindo-a pela primeira vez, por dentro eu a conhecia como se a tivesse ouvido desde o ventre de minha mãe. Ao mesmo tempo, senti a temperatura do corpo aumentar pela emoção e fui refrescado por uma brisa suave que a acompanhava. Meu organismo reagiu por completo àquele timbre. Arrepios à flor da pele, adrenalina circulando, batimento cardíaco acelerado. Sem controle algum, tudo o que há em mim encurvou-se. Dobrei-me e apoiei o rosto no chão. Estava seguro de tudo, mas cheio de temor. Olhos cerrados, mãos em posição de entrega, ouvidos abertos. Tudo em mim desejava ouvir o que viria a seguir. Sabia que seriam palavras cheias de vida, poderosas, capazes de penetrar e produzir efeitos extraordinários. Tudo em mim vivia uma grande expectativa.

— Olhe para mim — continuou a voz.

Fiquei um pouco confuso. Desejei voltar toda a minha atenção àquele que me chamava; mas, ao mesmo tempo,

todo o meu corpo apreciava aquela postura de reverência. Havia pouco pensava que tinha sido feito para pular, dançar ou até voar, mas, de repente, fez todo sentido ficar daquele jeito, sem me mover, quase sem respirar, simplesmente ajoelhado e em profundo respeito e veneração diante de quem me falava.

— Olhe para mim — repetiu com carinho. Simplesmente irresistível. Tive de agir, ou melhor, reagir.

Em câmera lenta, ao mesmo tempo em que abria os olhos, olhei para cima e virei para ver quem falava comigo. Vi sete candelabros de ouro. No meio deles, havia um ser parecido com um homem, vestindo uma roupa que chegava até os pés e com uma faixa de ouro em volta do peito. Seus cabelos eram brancos como lã ou como neve, e os olhos reluziam feito fogo. Os pés brilhavam como o bronze refinado na fornalha e depois polido, e a voz parecia o barulho de uma grande cachoeira. Na mão direita, ele segurava sete estrelas, e da boca saía uma espada afiada dos dois lados. O rosto resplandecia como o sol do meio-dia. Naquele instante, ele apoiou a mão direita em mim e disse:

— Não tenha medo. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último. Eu sou aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre. Tenho autoridade sobre a morte e sobre o mundo dos mortos.

Levantou-me gentilmente. Meus olhos estavam fixos, eu nem sequer piscava. Quanta beleza! Quanta pureza! A expressão espontânea que me veio aos lábios foi:

— Santo! Santo! Santo!

Aquelas palavras ecoavam em todo o lugar. Percebi que havia ali um trono com alguém sentado nele. O rosto daquele ser brilhava feito pedras de jaspe e sárdio, e em volta do trono havia um arco-íris que cintilava como uma esmeralda. Ao redor do assento havia outros 24 tronos, e em cada um deles havia um líder sentado, todos vestidos de branco e com coroas de ouro na cabeça. Do assento elevado saíam relâmpagos, estrondos e trovões e diante dele havia sete tochas acesas, bem como algo parecido com um mar de vidro, claro